



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**A BIBLIOTECA ESCOLAR NO  
PROCESSO DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM: uma experiência**

Ana Lúcia Antunes de Oliveira

Ensaio APB, n. 66

*APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB*

**A BIBLIOTECA ESCOLAR NO  
PROCESSO DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM: uma experiência**

**Ana Lúcia Antunes de Oliveira**

**Ensaio APB, n. 66**

*R. Maestro Cardim, 94 - Tel/Fax (011) 285-3831 - Liberdade - São Paulo - SP - Cep: 01323-000- e-mail [apb@nw.com.br](mailto:apb@nw.com.br)*

**APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB**

**A BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-  
APRENDIZAGEM: uma experiência**

**Ana Lúcia Antunes de Oliveira**

**Ensaio APB, n. 66**

**São Paulo  
Maio  
1999**

- 1 - MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994.
- 2 - MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994.
- 3 - TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994.
- 4 - MURGLIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994.
- 5 - OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994.
- 6 - BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994.
- 7 - DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994.
- 8 - FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994.
- 9 - LARROUDE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994.
- 10 - SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994.
- 11 - TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994.
- 12 - RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994.
- 13 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994.
- 14 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 95.
- 15 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 95.
- 16 - VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 95.
- 17 - CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibioporã - PR. Abr. 95.
- 18 - LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 95.
- 19 - MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 95.
- 20 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 95.
- 21 - FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 95.
- 22 - FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 95.
- 23 - SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 95.
- 24 - SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaura Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 95.
- 25 - VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 95.
- 26 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 96.
- 27 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 96.
- 28 - SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 96.
- 29 - MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 96.
- 30 - BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 96.
- 31 - ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 96.
- 32 - GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 96.
- 33 - MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 96.
- 34 - MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 96.
- 35 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 96.
- 36 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 96.
- 37 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 96.
- 38 - SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 97.
- 39 - LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 97.
- 40 - SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multimídia. Mar. 97.
- 41 - SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 97.
- 42 - FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 97.
- 43 - BARRETO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 97.
- 44 - LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 97.
- 45 - TALAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 97.
- 46 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 97.
- 47 - RECINE, Analúcia Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 97.
- 48 - TOMAÉL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 97.
- 49 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 97.
- 50 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 98.
- 51 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 1. Fev. 98.
- 52 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 2. Mar. 98.
- 53 - RUSSO, Mariza. Bibliotecas universitárias brasileiras: diretrizes para o próximo milênio. Abr. 98.
- 54 - GAUZ, Valeria. O bibliófilo José Mindlin: impressões de um encontro. Maio. 98.
- 55 - COSTA, Márcia Betânia da. Implantação do movimento 5S's em unidades de informação. Jun. 98.
- 56 - SIQUEIRA, Maria das Graças. Ler é conquistar autonomia. Jul. 98.
- 57 - SOUZA, Marta Alves de. Fontes de informação em Ciências Exatas: uma síntese. Ago. 98.
- 58 - FIGUEIREDO, Nice. A automação das bibliotecas universitárias: resultado de pesquisa. Set. 98.
- 59 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: estratégias para o emprego. Out. 98.
- 60 - BROWN, Doris R. O consórcio nas bibliotecas acadêmicas dos EUA. Nov. 98.
- 61 - GOMEZ, Margarita Victoria. Educação e informática: caminho entrelaçado com a biblioteconomia. Dez. 98.
- 62 - LIMA, Vânia Mara Alves. Comunicação e representação documentária. Jan. 99.
- 63 - BLATTMANN, Ursula, DUTRA, Sigrid Karin Weiss. Atividades em bibliotecas colaborando com a educação a distância. Fev. 99.
- 64 - FIGUEIREDO, Nice. Automação das bibliotecas universitárias: a visão dos usuários. Mar. 99.
- 65 - ALMEIDA, Elisângela Lino de. Conservação e acondicionamento de discos de vinil e fitas cassetes. Abr. 99.
- 66 - OLIVEIRA, Ana Lúcia Antunes de. A biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma experiência. Maio. 99.

# A BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM: uma experiência

Ana Lúcia Antunes de Oliveira <sup>(1)</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

A biblioteca escolar deve estar inserida de forma ativa e participante no processo ensino/aprendizagem em todo o contexto escolar, visando atingir seu objetivo na escola.

A participação da biblioteca na vida escolar e a comunicação/interação professor-bibliotecário-aluno são fatores relevantes e necessários para o desenvolvimento da qualidade de serviços, transmissão, assimilação de informação e aquisição de conhecimento.

## 2 JUSTIFICATIVA

A simples existência de uma biblioteca escolar bem localizada, de bom tamanho, bem decorada, com um grande acervo atualizado não é suficiente para atender as necessidades informacionais da comunidade escolar e contribuir para a qualidade do ensino e formação do aluno, pois

“A biblioteca que não se deixa conhecer, que não sabe corresponder às expectativas de sua clientela, corre o risco de perder seu lugar na comunidade e ser desvalorizada, esquecida e abandonada.” (Martínez & Calvi, 1994, p.29).

Importa, e muito, a qualidade das atividades, as atitudes tomadas pelo bibliotecário, que deve ser competente, comunicativo, interessado e criativo. É necessário que ele saia do espaço físico da biblioteca e vá ao encontro de seu usuário conhecendo-o, identificando suas necessidades e desejos informacionais, e fazendo-se conhecer através da contribuição na realização dos anseios da sua comunidade escolar.

---

<sup>1</sup> Bibliotecária do Colégio Marista de Londrina. Especialista em Gerência de Unidades de Informação.

Este estudo procura mostrar a importância do profissional bibliotecário estar totalmente integrado no processo ensino/aprendizagem atuando diretamente junto a direção, professores, alunos e funcionários em todas as etapas de ensino.

Com a interação de todos, pode-se obter a dinamização do processo educacional, pois todos estarão empenhados na realização de um mesmo objetivo.

### **3 A BIBLIOTECA**

A Biblioteca do Colégio Marista de Londrina foi criada juntamente com a fundação do Colégio, em 1955, sendo dirigida por docentes e funcionários administrativos até a contratação, em março de 1987, da atual bibliotecária. Está diretamente ligada ao S. O. P. – Serviço de Orientação Pedagógica.

A equipe da biblioteca é formada por uma bibliotecária e por uma auxiliar de biblioteca.

A biblioteca é freqüentada por alunos, professores, funcionários, pais de alunos e ex-alunos por diversas razões como para complemento/qualificação dos conteúdos programáticos, empréstimo de livros, estudo, leitura, pesquisa, lazer, etc.

Seu objetivo principal é atender as necessidades informacionais de seus usuários, na maior parte alunos, pois são eles que desencadeiam todas as atividades.

Localizada no 2º andar do prédio do Colégio, ocupa uma área de 152,76m². Apesar de não estar situada num local de fácil acesso e considerada pequena em relação ao número de usuários, que por vezes não encontram lugar na mesma, é aconchegante e tornou-se um dos pontos de encontro dos alunos.

O acervo está sempre sendo atualizado, procurando acompanhar o conteúdo dado em sala de aula e as constantes mudanças do dia-a-dia para o desenvolvimento e aprimoramento social e intelectual da comunidade institucional.

#### 4 REVISÃO DE LITERATURA

Nos dias de hoje a informação, a leitura e o conhecimento são imprescindíveis no desenvolvimento político, econômico e social de cada pessoa, pois

“... uma sociedade que se sabe expressar sabe o que quer, é menos manobrável.” (Angelo, citado por Silva, 1986, p.136).

Preocupadas com a educação, fator relevante no desenvolvimento de toda a sociedade, as escolas procuram oferecer maior qualidade no ensino. Para isso precisam contar com a participação de profissionais capacitados na transmissão de informações e de conhecimento, para a formação e desenvolvimento de atitudes de seus alunos.

A cada ano que passa, o programa escolar é aumentado ou alterado em alguns aspectos. Os professores, sozinhos, não têm condições de transmitir todas as informações necessárias aos alunos, mesmo através dos livros adotados e apostilas.

Aí a necessidade de outros recursos para o desenvolvimento e aprimoramento do ensino/aprendizagem, como biblioteca, laboratórios de informática, biologia, química, redação, etc.

A biblioteca escolar, integrada no processo dinâmico de desenvolvimento da comunidade escolar, de seu crescimento, modificações e problemas deve visar a:

- “- ampliar conhecimentos, visto ser uma fonte cultural:
- colocar à disposição dos alunos um ambiente que favoreça a formação e o desenvolvimento de hábitos de leitura e pesquisa;
- oferecer aos professores o material necessário à implementação de seus trabalhos e ao enriquecimento de seus currículos escolares;
- colaborar no processo educativo, oferecendo modalidades de recursos, quanto à complementação do ensino-aprendizado, dentro dos princípios exigidos pela moderna pedagogia;
- proporcionar aos professores e alunos condições de constante atualização de conhecimentos, em todas as áreas do saber;
- conscientizar os alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações;
- estimular nos alunos o hábito de freqüência a outras bibliotecas em busca de informação e lazer;

- integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando: intercâmbios culturais, recreativos e de informações.” (Amato & Garcia, 1989, p.12-13).

Para atingir os objetivos citados acima, o bibliotecário não pode ficar no seu “cantinho”, esperando que os usuários (professores, alunos, funcionários, direção e pais de alunos) se dirijam até ele. O bibliotecário é que deve ir ao encontro de seus usuários, visando saber o que eles precisam, o que gostam, o que querem, quais são seus interesses. Conhecendo-os, tem-se condições de mostrar-lhes o que de bom se pode fazer por eles e com eles.

Partindo do princípio de que os usuários são “clientes”, razão de ser das atividades, deve-se “vender” a eles os serviços, objetivos e imagem da biblioteca. Se o bibliotecário não divulgar quem é e o que faz, muitos usuários nem chegam a conhecer a biblioteca, pois sem saber o quanto ela vale e o que ela faz, não sentem necessidade de freqüentá-la.

A imagem da biblioteca deve ser trabalhada, procurando através de atitudes e atividades dinâmicas e renovadoras, conquistar, ocupar e manter seu espaço, obter simpatia, admiração, cooperação e respeito junto à comunidade institucional.

Vale lembrar que:

“... a atividade do bibliotecário, exercendo uma atuação pedagógica peculiar, na orientação da pesquisa bibliográfica e na sugestão de leitura, na ação cultural que desenvolve, na dinâmica que imprime ao seu trabalho, faz da biblioteca escolar um campo muito especial, como agência educacional que ela é.” (Barros, 1994, p.7).

A equipe da biblioteca do Colégio Marista de Londrina procura não só servir de suporte aos programas educacionais, mas fazer parte deles integrando-se na ação educacional, ultrapassando os limites físicos da biblioteca, atendendo os diferentes níveis da comunidade escolar em suas variadas necessidades e proporcionando um ambiente favorável à leitura, informação, estudo e lazer.



Procura estar sempre atenta para satisfazer da melhor forma possível, as reais necessidades e os interesses de seus usuários, que se modificam, acompanhando as transformações diárias de nossa sociedade. E não se acomoda quanto ao âmbito de sua atuação, pois

“A escola, tradicionalmente, segue seu programa de ensino solicitando à biblioteca que lhe sirva de ajuda. Assim, se não possuímos ‘olhos de ver’, caímos facilmente na armadilha e a transformamos num mero instrumento de apoio. Posição que limita o âmbito de nossa atuação. Ora, nossa função é muito maior, mais profunda: o prazer do leitor. Através deste prazer, atingiremos os objetivos fundamentais no processo ensino-aprendizagem.” (Fragoso, 1994, p.36).

Para obter bons resultados e alcançar seus objetivos na qualidade do ensino/aprendizagem o bibliotecário não pode agir sozinho, é preciso integrar-se às atividades dos professores, direção, funcionários e alunos.

Segundo Rocha (1996, p.346) integrar é:

“1. Formar um todo. 2. Fazer parte de um todo. 3. Tornar inteiro. 4. Completar. 5. Completar-se. 6. Incorporar-se.”

Ainda acompanhando o mesmo autor (1996, p.347), interação é:

“1. Ação recíproca de dois ou mais corpos um em relação ao outro. 2. Ação e relação entre os membros de um grupo social ou entre grupos de uma coletividade.”

Com tais definições, pode-se entender a integração da biblioteca na escola baseada na interação de atividades/attitudes junto à comunidade educacional, entrosadas num trabalho de cooperação e participação.

Como exemplo dessa necessidade pode-se mencionar o que foi possível perceber no comportamento de alguns alunos do Colégio Marista de Londrina, e que também se percebe na seguinte citação:

“... como bibliotecária envolvida no processo pedagógico, atuando diretamente junto ao educando, percebo que o prazer de ler, adquirido

nas séries iniciais, vai deixando de existir à medida que o aluno caminha para etapas mais avançadas.” (Fragoso, 1994, p.36).

Isso também aconteceu no Colégio Marista de Londrina, e se a equipe da biblioteca se calasse, achando melhor ter menos alunos para atender em, determinados horários, estaria colaborando para que isso continuasse a acontecer. No entanto, a equipe, por intermédio de conversas com alunos e professores chegou a conclusão de que esta queda na freqüência à biblioteca pelos alunos de 4ª série devia-se ao fato deles não terem mais apenas um professor, mas vários, e também porque nenhum professor queria deixar o aluno sair no meio de sua aula para ir até a biblioteca. Após analisar a situação (professor-bibliotecário), com aprovação e incentivo da direção pedagógica, os professores passaram a deixar livre os últimos minutos de sua aula para que os alunos pudessem sair e ir à biblioteca, sem prejuízo ao conteúdo da matéria e ao prazer da leitura.

Outro exemplo de integração de atividades bibliotecário-professor-aluno é a atividade realizada na biblioteca, através de apostilas e visitas orientadas para alunos a partir da 3ª série do 1º grau e cujo objetivo é orientar os alunos, tornando-os independentes na busca da informação, realização de pesquisas, apresentação de trabalhos escritos, uso da biblioteca e seus recursos. Nesta atividade, a equipe da biblioteca procura orientar e conscientizar os alunos quanto à importância de colocar em prática as informações recebidas. Se, em contra partida, o professor não se envolvesse, não participasse, não colaborasse mostrando a validade e importância desta atividade, todo o esforço e dedicação da equipe da biblioteca seria praticamente inútil.

A disciplina de português e a biblioteca antes eram consideradas as únicas responsáveis pelo desenvolvimento do prazer de ler. Agora há um trabalho conjunto da área de português, biblioteca e demais disciplinas, cada uma dando sua parcela de orientação, ensino, conscientização e incentivo para o desenvolvimento desse hábito.

Na integração biblioteca e departamento audiovisual, pode-se citar a comunicação e o envolvimento que há entre os funcionários dos dois setores, no sentido de integração, divulgação e valorização de ambos os acervos e funcionalidade do setor para toda a comunidade educacional.

Nos exemplos citados, nota-se a necessidade e importância da integração bibliotecário-professores-funcionários-direção-alunos para se atingir bons resultados nestas e em outras atividades da escola.

Mas a integração da biblioteca na escola não é tão fácil, nem mesmo atinge toda a comunidade educacional. Uma total integração exige interesse e colaboração de todas as pessoas envolvidas. Para isso é necessário haver comunicação.

“... através da comunicação os homens compartilham o conhecimento, a informação, a experiência e assim podem compreender, persuadir, converter, controlar, eliminar ou se irmanar.” (Muller, 1990, p.8).

A comunicação pode derrubar as barreiras existentes entre a biblioteca e a comunidade educacional. Pode-se exemplificar algumas barreiras através do conceito de alguns professores que além de colocar a biblioteca e os bibliotecários na posição de subalternos acham que o bibliotecário é

“... uma mistura de almoxarife, escrevente e policial, assemelhando-se muito a um autômato que, programado e controlado por sistemas esotéricos de catalogação e classificação, apenas cumpre aquilo que as normas determinam. Por outro lado, aos olhos dos professores, o bibliotecário é ainda o guarda-livro (...), não tem muito a dizer sobre a educação dos jovens.” (Silva, 1993, p.67).

Realmente, pode-se dizer que doze anos atrás, quando se contratou o profissional bibliotecário para atuar na biblioteca do Colégio Marista de Londrina era exatamente esta visão que a maior parte da comunidade educacional tinha a respeito da biblioteca e, conseqüentemente, do profissional. Como se isso não bastasse os únicos “usuários”, se pode-se chamá-los assim, eram os alunos colocados para fora da sala, já que a biblioteca era também considerada local de castigo para alunos indisciplinados. Os cartazes nela existentes continham as seguintes mensagens: Silêncio! Na biblioteca não se conversa. Na biblioteca não se toma lanche. Na biblioteca não se fica na janela. Não, não, não.

Poderia-se criticar os alunos por detestá-la?

Poderia se criticar os professores que assim pensavam, se por ventura as bibliotecas escolares que eles conheciam eram como a do Colégio Marista de Londrina até doze anos atrás? Claro que não!

Não seria justo passar a criticar o comportamento dos alunos e professores e não se fazer nada para mudar isso.

Após um curto período de adaptação na escola, conhecendo melhor a comunidade educacional, vivenciando tanta insatisfação de ambos os lados (professor-bibliotecário), vendo que quem saía mais prejudicado evidentemente era o aluno, chegou o momento da iniciativa, de uma aproximação através da comunicação, do diálogo.

Através de contatos com alguns professores e alunos dentro e fora do colégio numa tentativa de mudança de mentalidade, através de atividades/attitudes mais atraentes e significativas, de mudanças do ambiente físico, convites para que alunos e professores conhecessem a “nova biblioteca” chegaram os primeiros bons resultados, pois o bibliotecário conseguiu alguns “usuários-aliados” à proposta de incentivo da biblioteca.

Depois de algum tempo, começaram a surgir na biblioteca convites para participar de algumas reuniões de área.

O restante foi consequência da luta dessa comunicação, desse clima de diálogo, muitas vezes difícil, da cooperação mútua, da renúncia de objetivos próprios em favor de um objetivo em comum, com muita mudança de conceito e de comportamento tanto dos professores quanto do bibliotecário em favor da formação e desenvolvimento do aluno, já que é para o aluno que se deve unir esforços, pois

“Ele é o elemento motivador de toda a montagem; o sujeito-objeto sem o qual a biblioteca não pode ser concebida nem alimentada. (...) É para ele que, prioritariamente, devem-se estabelecer todas as medidas a serem tomadas,” (Hernandez, 1985, p.15).

Quatro anos atrás, após tantos erros e acertos, apesar de se temer o resultado, resolveu-se saber qual era a imagem da biblioteca (qualidade do atendimento, acervo,

espaço físico, etc.) perante toda a comunidade educacional e não apenas dos usuários reais, que já era grande. Através de um questionário, mais uma vez abriu-se a comunicação para toda a escola. Com as respostas recebidas, pode-se verificar o progresso no conceito também dos usuários potenciais com relação à biblioteca. As críticas e sugestões recebidas proporcionaram a melhoria do acervo, do espaço físico e o estabelecimento de novas políticas de desenvolvimento e ação.

Se hoje a biblioteca derrubou o preconceito e conquistou um “espaço” na escola é devido a união de esforços de vários professores, funcionários e bibliotecário no desenvolvimento da comunicação, de diferentes atitudes-atividades para os diferentes usuários.

Atualmente, além de reuniões de área, a bibliotecária também participa da CAMAR – Caminhada Marista, realizada todo início de ano, da reunião anual de bibliotecárias maristas e de palestras voltadas aos interesses do Colégio. Com o desenvolvimento da informática, as atividades passam por uma nova fase já que encontra-se em implantação o SPI – Sistema Pedagógico Integrado, através do qual a biblioteca se conecta em rede com a Instituição.

É preocupação constante tornar a biblioteca cada vez mais ativa, dinâmica e acolhedora à todas as propostas que visem o crescente entrosamento usuário-biblioteca para uma integração com todo o contexto escolar.

“O êxito de uma biblioteca e de seus programas depende da qualidade de seus gerentes. A biblioteca precisa definir sua estratégia de administração e gerência para produzir, divulgar, mostrar, oferecer e distribuir corretamente serviços bibliotecários e de informação.” (Martínez & Calvi, 1994, p.20).

## 5 CONCLUSÃO

A integração da biblioteca no Colégio Marista de Londrina pode e deve ser uma realidade constante na vida escolar, colaborando na realização das expectativas, necessidades e interesses informacionais de seus usuários.

Proporcionando a satisfação de seus usuários e integrando-se às atividades gerais da comunidade estará visando também os objetivos da Instituição maior no desenvolvimento da qualidade no ensino/aprendizagem.

A biblioteca, integrando-se à comunidade escolar, interagindo com todas as áreas, terá condições de acompanhar as mudanças e o desenvolvimento em todos os setores, num trabalho motivado e comprometido com a realização de objetivos em comum, procurando não só satisfazer as necessidades informacionais de hoje, mas preparar-se para a satisfação das expectativas futuras.

É claro que esta integração, hoje, não atinge a totalidade da escola, mas como a cada dia aparecem novos e grandes desafios, considera-se tudo isso um começo promissor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMATO, Mirian, GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (org.). *Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Edições Loyola, 1989. p.09-23.
- BARROS, Maria Helena T. C. de. *A atuação da biblioteca escolar: relato de uma crise*. São Paulo: APB, 1994. (Ensaios APB, 6).
- FRAGOSO, Maria Graça. À biblioteca, com prazer! *AMAE educando*. Belo Horizonte, n. 241, mar. 1994.
- HERNANDEZ, Aureliano C. Biblioteca sem uso não leva a aprender. *Revista do professor*, Porto Alegre, v.1, n.3, p.15-19, 1985.
- MARTÍNEZ, Lucila, CALVI, Gian. *Biblioteca & escola criativa*. Petrópolis: Autores & Agentes & Associados, 1994.
- MULLER, Mary Stela. Comunicação, informação, biblioteca: uma abordagem integradora – um questionamento. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.19, n.1, p.7-23, mar. 1990.
- ROCHA, Ruth. *Minidicionário*. São Paulo: Scipione, 1996.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura em crise na escola e na biblioteca*. 4.ed. Campinas: Papirus, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Biblioteca escolar: da gênese à gestão*. In: ZILBERMAN, Regina et al. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 7.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

**BIBLIOGRAFIA**

- BORDENAVE, Juan Diaz, PEREIRA, Adair Martins. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- POLKE, Ana Maria Athayde. A biblioteca escolar e o seu papel na formação de hábitos de leitura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.60-72, mar. 1973.
- PRADO, Heloísa de Almeida. *Organização e administração de bibliotecas*. 2.ed. São Paulo: T. A Queiroz, 1992.
- SIMÃO, Maria Antonieta Rodrigues, SCHERCHER, Eroni Kern, NEVES, Iara Bitencourt. *Ativando a biblioteca escolar*. Porto Alegre: Sagra/ D. C. Luzzatto, 1993.
- VALORIZANDO a cultura – destaque para o livro. *Informativo Colégio Marista de Londrina*, Londrina, v.1, n.1, p.4, maio 1993.
- VIEIRA, Anna da Soledade. Repensando a biblioteconomia. *Ciência da Informação*, Brasília, v.12, n.2, p.81-85, jul./dez. 1983.